



## GT 005. Agências materiais e espirituais no cotidiano: experiências e narrativas de coexistência

Martina Ahlert (Universidade Federal do Maranhão) - Coordenador/a, João Frederico Rickli (UFPR) - Coordenador/a

Diversas pesquisas em antropologia têm se interessado pelos modos como as pessoas mobilizam agências materiais e espirituais em situações de lutas, disputas e construções identitárias. Entidades como encantados, espíritos, fantasmas, demônios, o próprio Espírito Santo, entre outras; e objetos "animados" como imagens, amuletos, fotografias e a Bíblia, por exemplo, podem participar do dia a dia das pessoas em diferentes contextos. Essas agências não estão limitadas a planos extraordinários, circunscritos aos domínios do explicitamente religioso. Antes, elas permeiam escolhas, decisões e atitudes cotidianas em relação aos mais diversos temas, e seus efeitos se materializam de formas variadas na experiência. Essas situações e ações apontam em direção à não exclusividade humana nos modos de viver, de dar forma e sentido à existência. Este Grupo de Trabalho pretende reunir etnografias e pesquisas de caráter etnográfico em arquivos que abordem essas experiências e a produção de narrativas a elas vinculadas. De um ponto de vista teórico, interessam-nos três pontos, sobretudo: em primeiro lugar, a análise das disputas e controvérsias em torno da legitimidade e autenticidade dessas narrativas e experiências. Em segundo, a questão da coexistência e coabitação no mundo, que questiona leituras lineares sobre o tempo e a história. Finalmente, a análise de situações em que as fronteiras e limites daquilo que se caracteriza como religioso são desafiados pelos próprios dados etnográficos.

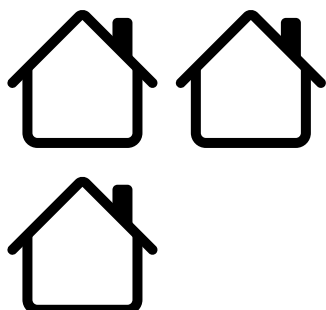
### **Conexões e agenciamentos: uma abordagem antropológica dos afroparaguaios Kamba kuá**

**Autoria:** João Alipio de Oliveira Cunha

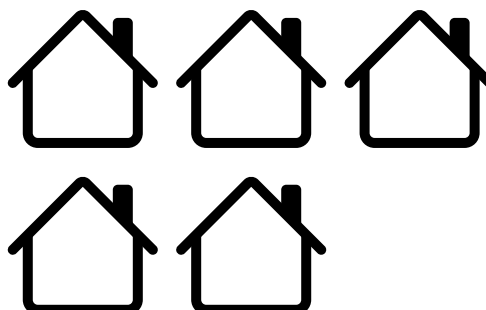
Os estudos antropológicos sobre as comunidades afroparaguaios ainda permanecem tímidos nas universidades brasileiras. Nos anos de 2013 e 2014 fiz um work de campo com os grupos Kamba Kuá, que se encontra entre os limites de São Lorenzo e Fernando de La Mora à 20 minutos da capital Assunção e Emboscada, que têm o nome da cidade rural que fica próximo a fronteira com o Mato Grosso do Sul, Brasil. O encontro com eles contribuíram para a elaboração do work de conclusão de curso "Santos negros, memória e oralidade: diálogos entre o jongo/caxambu e o candombe paraguaio (festas para São Benedito e São Baltazar)", onde tive a oportunidade de observar a festa religiosa para o santo negro Baltazar, considerado patrono da comunidade Kamba Kuá. Nas visitas foram realizadas mais de seis entrevistas, anotações, fontes escritas e vídeos que serão analisadas com mais detalhes e se somarão a novos works de campo durante o doutorado. Segundo as narrativas dos membros de Kamba Kuá, o grupo veio do Uruguai no ano de 1820 trazidos pelo general uruguaio José Artigas, que se exilou no Paraguai durante o período do governador Dr. Gaspar Francia fugindo de perseguições políticas. A chegada dos negros uruguaios em solo paraguaio no século XIX é resultado de um segundo processo forçado de desterritorialização que culminou com um processo altamente elaborado de reterritorialização, que pode ser visto por meio de agenciamentos, combinações e conexões com os elementos ameríndios e cristãos. A etnografia sobre os afroparaguaios pretende contribuir com análises referentes às experiências e narrativas de jovens e lideranças comunitárias sobre temáticas relacionadas ao campo da religião e cultura tão presentes em seus cotidianos.



**Realização:**



**Apoio:**



**Organização:**

